



CONCEITO DE MODOS DE CONVIVÊNCIA - EXPERIÊNCIA, PERCEPÇÃO E DISCURSO

COEXISTENCE MODES CONCEPT – EXPERIENCE, PERCEPTION AND DISCOURSE

Wellington Amâncio da Silva

Universidade Estadual da Bahia – UNEB/Campus VIII

Rua da Gangorra, 503, General Dutra - Paulo Afonso – BA

CEP: 41.150-000

Email: welliamancio@hotmail.com

Informações sobre o Artigo

Data de Recebimento:

02/2017

Data de Aprovação:

04/2017

Resumo

Partimos dos problemas sobre o que são as interações entre seres humanos e o meio ambiente e de como minimamente poderíamos defini-las. Elaboramos nossa hipótese a partir da tríade experiência, percepção e discurso. Em seguida desenvolvemos alguns conceitos acerca dos modos de convivência objetivando oferecer contributos aos estudos das interações humanas com o meio ambiente; a ótica desta discussão está situada no âmbito da Ecologia Humana. Conceituamos as categorias da convivência, como “modos”, a

partir de três níveis de interações empíricas e cognitivas, a saber, a) Lida como experiência, b) Percepção, subjetividade e significação; c) discursos e suas representações. Estes três níveis constituem a gênese das interações humano-ecológicas. Partimos de uma metodologia reflexiva e interdisciplinar pautada em pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Modos de convivência; Interações; Ecologia Humana.

Abstract

We leave the problems of what are the interactions between humans and the environment and how we could set them minimally. We developed our hypothesis from the triad experience, perception and speech. Then we develop some concepts about ways of “coexistence modes” aiming to provide contributions to the studies of human interactions with the environment; the perspective of this discussion is situated within the Human Ecology. Conceptualize the categories of coexistence, as “modes”, from three levels of empirical and cognitive interactions, namely a) Read as experience, b) perception, subjectivity and meaning; c) discourse and its representations. These three levels are the genesis of the human-ecological interactions. We start from a reflexive and interdisciplinary philosophical methodology guided in bibliographical researching.

Keywords: Coexistence modes; Interactions; Human Ecology.

1. Introdução

Não há grandes diferenças entre os termos “interações” e “modos de convivência” a não ser quanto à abstração conceitual que detém o primeiro termo que toma de conjunto o segundo, que por sua vez tende à sugestão para suscitar exemplos no âmbito das interações. Se para os significados das “interações” concluem, como generalização, todas as experiências humanas, com e no meio ambiente, tais “modos de convivência”, quando estruturados precisamente, abrem-se para o entendimento do pesquisador e dispõem-se à compreensão enquanto experiências sustentáveis ou degradatórias, desde a sua origem, a lida em si, até a sua apropriação coletiva, no âmbito dos discursos. Logo, a Ecologia Humana das interações precisa apresentar e analisar a ampla matiz das experiências que se convencionou entre nós denominar de modos de convivência. Assim, ao tratarmos dos os modos de convivência buscamos oferecer alguns contributos aos estudos das interações humanas com o meio ambiente, em vista de um entendimento mais lógico. Para isso, conceituamos as categorias da convivência, como “modos”, a partir de três níveis das interações empíricas e cognitivas, a saber, a) Lida como experiência, b) Percepção, subjetividade e significação; c) discursos e suas representações. Estes três níveis são a gênese das interações humano-ecológicas.

2. A Ecologia Humana das Interações

Define-se a Ecologia Humana como “interações humano-ambientais” objetivou-se discuti-la, ao menos, em três dimensões interativas: interação ou inter-relação, a partir das noções de “influência recíproca”, de “ação compartilhada”, de “interatividade”. Interação é, pois, um jogo de relações multilaterais, complexas, em que estão implicados diversos protagonistas. No campo da Ecologia Humana refletiu-se sobre tais relações em duas categorias: lida* e significação, dois aspectos caracterizadores da condição humana em qualquer lugar – mas que atualmente precisam ser “deseducadas”, em que saber lidar e significar reconheça antes a obsessão pelo exclusivismo do homem como no humanismo tradicional. Por conseguinte, define-se lida pela dimensão empírica de contato humano com o ambiente, ou seja, ações como a experiência do trabalho de subsistência, de produção, de transformação e de adaptação como primeiro nível de interação ambiental. A significação constitui o segundo nível e o terceiro nível das interações humano-ecológicas (Figura 1).

* Enquanto Marx utilizava-se do conceito “modos de produção” para representar o trabalho social num contexto histórico; Heidegger conceituou a expressão “lida” a partir da sua fenomenologia da existência, de forma mais geral como o trabalho dedicado pala além de implicações estritamente políticas, sem deixar de ser histórico, que possibilita a constituição ontológica própria do ser num dado tempo e lugar.

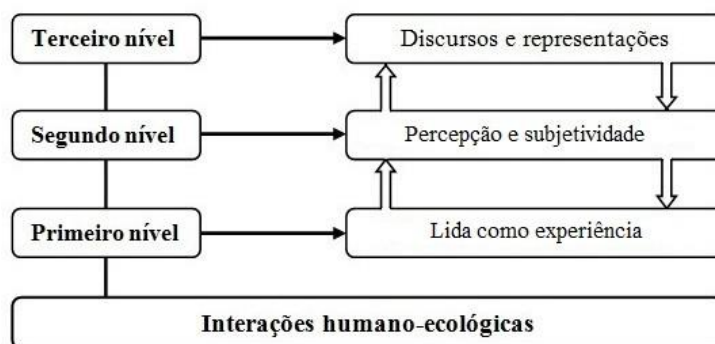


FIGURA 1: Níveis das interações empíricas e cognitivas. Fonte: do autor

Mas, é na condição de lida – conceito maior do que o conceito de trabalho† - que os seres humanos constituem para si, de modo subjetivo/intersubjetivo, os sentidos para o meio ambiente, e conseqüentemente, seus discursos e representações em disputas, além da transformação humana deste meio ambiente. Reiterou-se que todo o percurso desse trabalho define interação a partir de duas categorias correlativas, a saber, lida e significação‡. Para isso é, preciso considerar que o conhecimento é o resultado das interações empíricas e perceptivas do ambiente, e este “conhecimento é validade dentro de certos contextos” (MIRA, 2014a); deste modo, ter-se-ia uma compreensão ao menos em dois níveis não dicotômicos: um prático e outro cognitivo (lida e significação). Para Odum, “o homem sente-se interessado por ecologia de uma forma prática§”; essa “forma prática” de interessar-se, a interação, se constitui de um fundo de significação, a saber: representação, discurso, reprodução de sentidos, racionalização e convencionalização comunitária de conhecimentos; da *caverna de Lascaux, em França, às paredes do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, a escrita pictórica rupestre demonstra esse “efeito convencionalizador”, como processo de educação da comunidade em vista da adoção de práticas padrões socialmente testadas e bem sucedidas; ou seja, “[...] na sociedade primitiva, para sobreviver, cada indivíduo tinha a necessidade de um conhecimento eficaz do seu ambiente”* (idem, 1971, p.3); portanto, as produções artísticas e culturais, moradia, adornos, ferramentas e, sobretudo, as *pinturas rupestres representariam uma súmula daquilo que Odum chamou de “práticas”, (lida), e “conhecimento” (a significação) rediga por interesse e necessidade daquelas para a comunidade; Esta sentença explicita a seqüência.*

Há algumas abordagens que interpretam bem como instituem modos humano-ambientais de interação – alguns destes, Moran denominou de abordagens funcionalistas (2008, p. 73). Sobre as tais, parece-nos que alguns autores compreenderam e definiram interações de um ponto de vista de “força” e de influência, ora a partir do efeito predominante da natureza sobre os seres

† Interessante discussão é articulada em SAFRANSKI, Rüdiger. *Heidegger*. São Paulo: Geração Editorial, 2005, p.196.

‡ A ecologia humana hoje oferece possibilidades de pensar superação daquele humanismo tecnológico, ou a apologia humanista da “Técnica”, em que a técnica é por si só um meio e um fim pouco pensando a partir das suas conseqüências históricas e ontológicas. Lidar e significar, em seus meios e fins, deve considerar o outro meio ambiente, e o outro sujeito a partir da mesma importância do eu da técnica.

§ Grifo nosso.

humanos, tal é a abordagem do Determinismo Ambiental** - Kormondy e Brown “é uma maneira simplista de conectar as características ambientais com os traços culturais” (2002. p. 45); outros, denominaram de Determinismo Cultural as interações determinadas pela cultura humana, plano decisivo onde efetivam-se as interações e seus efeitos, e tendo a natureza como horizonte dos acontecimentos históricos, tópos onde assenta-se a humanidade (MORAN, 2010, p. 50). Há o Possibilismo Ambiental††, assinalado por Kormondy e Brown (2002. p. 45) - e este considera alguns aspectos do Determinismo ambiental -, como uma abordagem que “ênfatiza a importância primária dos eventos históricos específicos na criação das culturas por meio de constantes mudanças ao longo do tempo”, tendo como condição secundária a do ambiente, ao impor limitações às possibilidades de uma determinada cultura. Para Moran (2008, p. 73), essa abordagem diz respeito às características de uma população resultantes das restrições impostas pelo ambiente e disso pode resultar uma visão de mundo geocêntrica, e, por conseguinte, etnocêntrica: a de que “certas regiões do mundo estariam ecologicamente fadadas ao atraso, e outras, ao progresso” (MORAN, 2010, p. 49); que se aproxima dos conceitos apresentados acima: por exemplo, a adaptabilidade, “a interação dinâmica entre pessoas e o ambiente” que segundo Moran, ajuda a transpor a lacuna entre as teorias acima apresentadas (idem, p. 50).

De todo modo, já a partir da Pré-história (MORAN, 2011, p. 21-22), as demandas humanas ultrapassam de longe os níveis comuns de sobrevivência experimentados por outros seres vivos que, por assim dizer, estabeleciam níveis de interações que se harmonizavam “naturalmente” ao seu crescimento e às disponibilidades de recurso do seu ecossistema, em face das suas atividades (BERGON, TOWNSEND, HARPER, 2007, p.58); Posteriormente, na Antiguidade com o advento das sociedades estruturadas sobre instituições sociais, como a família nuclear, a religião do Estado, a política orientadora dos pensamentos e ações e da econômica de exploração racional do ambiente, as demandas humanas exigiam, pois, a transformação profunda do meio ambiente, dando início ao que Moran denominou por evolução dos sistemas ecológicos sociais (2011, p. 22), em outras palavras, o conjunto de interações que partem mais do princípio de transformação do meio ambiente, sem considerar os aspectos de harmonização homeostáticos, típicos das interações de outras espécies. Na Idade Média e na Modernidade essas transformações chegaram a níveis profundos de degradação do meio ambiente através da sua racionalização cíclica, que em resumo denominar-se-ia de “extração”, “consumo”, “reconstrução”, “descarte” racionalizados, tanto maiores se tornaram quanto mais especializada fosse à sociedade em sua estruturação sobre as instituições sociais. Atualidade, a complexidade das interações transcende as finalidades básicas de manutenção da vida biológica dos seres humanos,

** Influenciado a partir de textos de Hipócrates; ideia predominante, ao longo da maior parte da história ocidental, como assinalam Kormondy e Brown (2002. p. 43); essa visão de mundo durou, ao menos, até a Modernidade. A leitura francesa da obra Friedrich Ratzel, ao menos no texto de 1922, de Lucien Febvre, denominado *La Terre et L'Évolution Humaine* resultou no enquadramento de Ratzel como determinista.

†† Nos Estados Unidos, Franz Boas e seus continuadores Lowie e Kroeber; na França, de Vidal de la Blache era compreendido também como possibilista.

construindo para nós necessidades mais abstratas, plásticas, idealizadas, voláteis; esses novos imperativos e racionalizações, advindas do Capitalismo global demandam transformações profundas, amplamente escalares e impactantes sobre o meio ambiente (POLANYI, 2012^{††}).

3. As Interações Humano-ecológicas

A partir dos conceitos de interações humano-ecológicas “sobre a natureza do funcionamento fisiológico humano, bem como dos efeitos do homem sobre o ambiente e deste sobre o homem [...]” (MORAN, 2010, p. 49), ou, em síntese fenomênica: do meio ambiente como lugar onde é confluída de forma indissociável o vivido, o plano do imediato, é defendida a hipótese de que a) os sentidos do lugar em uma comunidade humana, são percepções formadas na vida cotidiana, nas experiências^{§§} comuns e situadas; b) essas percepções são compartilhadas de modo intersubjetivo até constituírem-se em um aporte de significados lógicos mais ou menos comum, segundo as conveniências da comunidade em face do ambiente, do trabalho e do grupo que a constitui; c) esse aporte é, por assim dizer, o repertório interpretativo, discursivo e representacional mais ou menos convencionalizado como práticas comuns, o ethos da comunidade, “o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo^{***} que a vida reflete” (GEERTZ, 2011, p. 93); em resumo, estas possibilidades e condições de interação com o meio ambiente, a partir de níveis mais abstratos, periféricos ao ambiente vivido são o modo como são concebidos e compartilhados os significados do ambiente e que determinam, em grande medida, a maneira dos indivíduos interagirem com o meio ambiente^{†††}(enquanto gestão socioambiental característica de um grupo ou comunidade, sobretudo étnica). Em suma, refletiu-se aqui as interações a partir do ponto de vista cognitivo e empírico dos seres humanos àquilo que se constituiria como uma visão ecológica de mundo.

4. A Experiência

Experiência é convivencialidade, (porque não seria possível a experiência de nenhum lugar, ou sozinho de todo); essa inter-relação inevitável com o mundo^{†††} é fundada na presença

^{††} Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. “Sistema da ONU [...] responsável por catalisar a ação internacional e nacional destinada à proteção do meio ambiente no contexto do desenvolvimento sustentável.” (<http://www.pnuma.org>).

^{§§} *Experiência* e empírico são termos sinônimos; podem ser qualquer conhecimento obtido por meio dos sentidos, exteriores e interiores, em que se destaca primeiro o método prático como fonte de conhecimento, no lidar com o mundo objetivo, com os fenômenos concretos da Natureza.

^{***} *Grifo nosso.* Por *mundo*, compreendemos a organização ecológica, geográfica e linguística do meio ambiente no espaço, sobretudo através da denominação de *lugar*.

^{†††} A degradação do meio ambiente nasce de uma assertiva linguística de que a natureza é inesgotável e de que devemos dominá-la, como disse Descartes?

^{†††} Aqui, mundo, ambiente, lar casa, lugar deve ser considerados como sinônimos, visto que são organizados cognitivamente pelos seres humanos, bem como mediante suas experiências, prática. Por outro lado, meio ambiente

(GUMBRECHT, 2010, p. 15), isto é, antes de qualquer significação linguística, os indivíduos lidam com o mundo em sua concretude, é sentida a sua “gravidade” e imanência, em forte atração: um pertencimento ontológico, em cores, sabores, sons e formas, antes intuitivas e perceptivas, posteriormente comunicáveis como saber. Todo o saber como linguagem (e comunicação de uma experiência) é construído a partir do mundo vivido, assim, é necessário despertar antes às experiências do mundo como fenômeno primeira do saber, no intuito de desconstruir aquela cultura escritural de mundo que valoriza primeiramente sua representação e racionalização.

Sabe-se em ato que o mundo existe para nós e que significados podem ser cultivados na convivência; nesta, as primeiras interações de “contato” com o ambiente são trabalhosas, portanto, demanda reunião, cooperação e a prioridade de estar com o outro: faina partilhada e quinhão dos frutos do cultivo, e por fim, comunicação das percepções individuais mediante interação (pré-requisito para a ordenação do trabalho grupal bem-sucedido e de suas posteriores reproduções). A lida exige de nós dedicação e dispêndio de energia, mas, nos propicia telúrica afeição ao Lar, à Casa§§§, pelo resultado do trabalho cotidiano, constituidor dos sentidos do lugar – esse trabalho se não fosse degradatório fundaria para nós, um habitar mais justo, um lugar edênico****. Na lida, os indivíduos assumem um esforço fora do comum, e de tal modo, somos, por fim, obrigados nisto a buscar-se, entender quem somos, onde estamos, e principalmente, o significado do nosso lugar††††; com efeito, a lida é sempre a partir do mundo, é uma prática fundamentalmente ecológica e que demanda rizomas éticos; essa interação, quanto pautadas na convivência, ecologicamente pensada com o ambiente fundamenta as compreensões e referenciais de humanidade; a ecologia da lida desperta-nos à afeição, ao cuidado e à “responsabilidade” (JONAS, 2016).

Lidar é, pois, o primeiro nível “empírico” de interação com o ambiente, é a condição anterior aos processos de significação humanos (discurso, representação interpretação, etc.). Dito isso, tomou-se como sinônimo de lida o conceito de “produção da presença” das coisas, como primeiro contato não hermenêutico ou de atribuição†††† de sentidos linguísticos, ou seja, o

pode ter o sentido de espaço não experimentado, ou racionalizado, portanto, conota mais um sentido de natureza, de força e forma indefinida, a *fysis que se opõe à ordem, ao kosmos, ao cosmo, a ordem, isto é, de ambiente desconhecido, contingencial.*

§§§ Casa, *oikos* em grego (*oikos*), é a expressão que dá nome a ecologia, por exemplo, na Carta da Terra conceitua-se nosso ecossistema terrestre como nosso lar, a Casa telúrica de todos.

**** O texto bíblico diz que pelo pecado os indivíduos foram fora, mas, a partir do ponto de vista da Ecologia Humana podemos entrever que estamos dentro de um Éden, quando assumem suas responsabilidades ecológicas com o mundo concreto da vida - uma forma de redenção mediante interações que permitam a existência (da vida de tudo e de todos em seu lugar de convivência) e não de degradação. “Lançados para fora do Éden”****, agora para sobreviver, assumem um esforço fora do comum, a *lida*, primeira condição irremediável sob a qual constituímos para nós mesmos um Éden, a condição tangível do lugar de habitar.

†††† Esta sentença seria uma paráfrase do que Jean Paul Sartre afirmaria como o “homem está condenado a ser livre”.

†††† Sobre atribuição de sentidos para os “objetos incapazes de reciprocidade”, de um ponto de vista bastante diferente de Gumbrecht (partilha de sentidos de objetos que são recíprocos pelo simples fatos de estarem disponíveis e possíveis de vivenciá-los), veja Tamen (2003), p. 12-14. Para Tamen (baseado em Aristóteles), a passividade do objeto é absoluta: essa ausência de reciprocidade dos objetos ocorre pelo fato de que não comunicam nem interagem/dialogam com o sujeito por meio de uma linguagem própria, lógica, familiar e especificamente apreendida cognitivamente. No

modo como os seres humanos empreendem no ambiente e com o ambiente; em seguida situado no ambiente, o ser humano reproduz a presença do mundo em memória e evocação, subjetividade e percepção, antes resultantes das experiências constituindo para si e para a sua comunidade uma epistemologia metafórica (MIRA, 2012, p.1). Para Heidegger, é “a partir do mundo que o ente§§§§§ poderá, então, revelar-se no contato e, assim, tornar-se acessível” (1997, § 12, p. 93); neste sentido, ente é (o Dasein) - a própria presença das coisas -, é, cada um dos fenômenos concretos constituidores do ambiente, da natureza, com os quais os indivíduos tomam contatos de modo tangível; nessa ecologia do lidar com os fenômenos cotidianos, cada um é protagonista da sua vida em função da convivência; a partir desse contato, elabora-se a percepção do ambiente e do outro (que lida juntamente conosco). Deste modo, a percepção da presença do meio ambiente e do outro são incontornavelmente as condições de completude de nossa existência, empreendidas através do trabalho árduo do nosso ser no mundo****, do nosso corpo em contato com o ambiente.

Lidar como experiência e interação de primeiro nível com o meio ambiente, é um fenômeno antes de tudo manual, e essa atividade muda o ambiente onde se vive (BEGON, TOWNSEND, HARPER, 2007, p. 223), certamente, as interações humano-ecológicas são transformações recíprocas, desde níveis mais sutis, quase imperceptíveis a níveis quantificáveis. Dito isso, buscou-se no conceito heideggeriano de Manualidade uma definição categórica para lida, “no exercício histórico da presença (Dasein), em que a mão ocupa um lugar central de concretização e desdobramento”; como extensão das mãos, há “os seres constituídos por sua manualidade: os instrumentos, os utensílios, os equipamentos, os dispositivos, etc.” (2001, p. 566), que por assim dizer são marcos que corroboram para o contato complexo, para a significação, transformação e racionalização da presença do meio ambiente; em outras palavras, a apreensão concreta dos objetos do mundo requer a instrumentalização de outro objeto destinada a uma mediação, adquirindo assim a sua utilizabilidade, a sua a manualidade; a realização dessa mediação é a condição histórica exclusiva dos seres humanos. Mas essa é uma visão fenomenológica existencial, aparentemente inocente desses conceitos, sobretudo, quando são analisadas essas interações a partir dos seus resultados em ambiente transformado.

5. Percepção, Subjetividade e Significação

Nesta seção, introduz-se às discussões acerca das teorias e doutrinas da percepção, nem atualizar seu conceito, apenas visa-se apresentá-la como experiência cotidiana enquanto

objeto reverbera apenas aquilo que o sujeito pensa e diz como projeção que retorna do objeto (2003, p. 13), nisso também “embaralha” o conceito de objeto e de coisa ao mesmo tempo.

§§§§ Neste sentido, ente é cada um dos fenômenos concretos constituidores do ambiente, do mundo, da natureza os quais tomamos contatos de modo plenamente tangível.

**** Destarte, um conceito caro a Gumbrecht (2012, p. 65) é o de “o ser-no-mundo, sem dúvida, uma constituição necessária e a priori da presença [...]” (Heidegger, 2006, § 12) enfatizando a redescoberta do corpo como instância de contato com o mundo, mas reconsiderando-a como instâncias da percepção empíricas.

condições de compreensão em ato do meio ambiente; do mesmo modo, tenta-se esboçar uma ecologia da percepção, em vista de ser útil, talvez exclusivamente, ao estudo e à pesquisa etnográfica em ecologia humana++++; para isto, pretende-se localizar a percepção antes no âmbito de um conhecimento anterior ao conhecimento intelectualmente compartilhado, sobretudo anterior à escrituração do mundo e a outros modos de racionalização das subjetividades; mas é preciso antes reconhecer que percepção e realidade não são dois acontecimentos separados, pois:

Quando nos aproximamos de um novo território a percepção impõe os seus tentáculos carregados de impressões que passam a habitar as suposições, um jogo de imprevisibilidades e estímulos que apela aos sentidos gerando uma confrontação seletiva subordinada à organização da percepção e ao juízo perceptual (MIRA, 2013, p.12).

Pensando nisto, faz-se aqui uma discussão de modo ensaístico, notadamente, subjetivo, autoral, porém, considerando as fontes e alguns aspectos teóricos vigentes que dialogam com esta “epistemologia metafórica” (MIRA, 2012, p.1).

Sendo assim, a propósito das condições de compreensão em ato++++, é preciso reconhecer que todo saber tem sua base nos horizontes abertos pela percepção de onde oferta suas representações de mundo; também a respeito disso, Greimas afirmaria que “é conhecimento de causa que nos propomos a considera a percepção como o lugar não linguístico onde se situa a apreensão da significação”, todavia, a percepção ocorre dentro dos indivíduos por meio de referências já dadas, de repertórios mentais constituídos socialmente e através dos quais os indivíduos significam o mundo neste primeiro momento de “monólogo linguístico”, como conexão do empírico no significado. Em outras palavras, antes de tudo, [...] “as significações se situam no nível das percepções, no mundo do senso comum, no mundo sensível” (1975, p. 15-16); mas, talvez antes da palavra ser enunciada, de sujeito a sujeito, porém, “a significação, se por um lado está carregada de emoções interativas, confronta-se com a interpretação reativa expressa pela resposta” (MIRA, 2013, p.12) contida nas coisas, ou seja, não é possível perceber sem antes acessar as representações dos fenômenos; a ênfase apropriada para este modo de percepção do mundo é que esta “[...] não se dá no vazio, mas em um estar-com-o-percebido” (MACEDO, 2010, p.16), em um encontro que corrobora para afeição – um dos fundamentos da convivência e do respeito. Percepção estaria relacionada sempre com um sentido de interesse e de realização com o outro e implicado num ambiente como lugar de habitar da comunidade. A respeito das afirmações expostas, é através da lida, modo de percepção em que o corpo contata o ambiente e o outro, que os seres humanos constituem condições de compreensão em ato, pelo exercício do

++++ Para nós, as possibilidades de discutir uma ecologia da percepção parte da consideração do corpo implicado no meio ambiente como parte constituinte deste meio; deste sentido, a percepção é o produto das interações corpo/meio ambiente.

++++ Empiria: a compreensão pelo exercício do agir, advinda e formada a partir da prática cotidiana em face da concretude da vida, da presença do mundo cotidiano; Percepção que se efetiva a partir do contato com a vida circundante, na lida.

é possível aqui simplificá-la (com a devida “licença teórica” dentro do que nos permite este trabalho), segundo Abbagnano (2007):

Podemos distinguir três significados principais deste termo: 1º um significado generalíssimo, segundo o qual este termo designa qualquer atividade cognitiva em geral; 2º um significado mais restrito, segundo o qual designa o ato ou a função cognitiva à qual se apresenta um objeto real; 3º um significado específico ou técnico, segundo o qual esse termo designa uma operação determinada do homem em suas relações com o ambiente. No primeiro significado, percepção não se distingue do pensamento. No segundo, é o conhecimento empírico, imediato, certo e exaustivo do objeto real. No terceiro significado é a interpretação dos estímulos (p. 876).

Assim, a partir do que foi demonstrado, tem-se: a) a percepção é um nível do pensamento, isto é, interiorização do mundo objetivo pelo sujeito no sujeito; b) a percepção como designação do “ato ou da função cognitiva à qual se apresenta” o conhecimento empírico – neste aspecto, a percepção tem uma função prática e instrumental; c) percepção seria a interpretação linguística e partilhada dos estímulos ambientais. Tem-se aqui a descrição precisa das etapas de contato do ser humano com o mundo: experienciar o mundo em ato, na vida; apropriar-se dessas experiências como referencial de mundo para si; racionalizar, convencionalizar e normatizar estas experiências por meio de discursos e de representações compartilhados entre os membros da comunidade humana em que habita. Para Rodaway (2002, p. 10):

[...] duas conotações importantes são encontradas em seu uso cotidiano: a) percepção como a recepção de informações através dos órgãos dos sentidos associados com visão, audição, tato, paladar, olfato; e b) a percepção como visão mental (mental insight), ou uma sensação feita através de uma variedade sensorial de informação, com as memórias e as expectativas. A primeira é a percepção como sensação ou sentimento; a segunda é a percepção enquanto cognição ou insight. As duas conotações não são mutuamente exclusivas, mas cada uma implica-se com a outra.

Em resumo, há alguns tipos de discursos que conceituam percepção, seja como interação cinética e bioquímica do corpo com o ambiente, ato ou função cognitiva, visão mental, produto racionalizado em linguagem e signo das experiências cotidianas, a percepção pode ser considerada, por assim dizer, um instrumental fenomenológico, porque há a capacidade de vivenciar o mundo, apreendê-lo e constituir certas logicidades. Assim, nem a representação ou a experiência prática, nem a perspectivação mental ou a ciência da presença do ambiente através do corpo se distanciam umas das outras, mas corroboram para a efetivação de uma percepção mais adequada. Nesse sentido, Husserl (2006) havia apontado às possibilidades e condições de percepção do mundo por meio de inter-relação entre experiências práticas e experiências cognitivas, no “pensamento fundado na experiência”, quanto afirmou que:

††††† Segundo Gallagher e Zahavi, Merleau-Ponty e Husserl apontam que há uma relação mais original para o mundo do que a manifestada na racionalidade científica. (2013, p. 89).

Um transcendente [tudo aquilo que constitui o ambiente ao nosso redor e que é dado à consciência]***** é dado mediante certos nexos empíricos. Dado diretamente e em perfeição crescente, em contínuos atos de percepção que se mostram coerentes, em certas formas metódicas de pensamento fundado em experiência [...]. (p. 115).

Em outras palavras, para Husserl, a percepção é uma “experiência comprobatória”, é uma forma de tornar “presente” o ambiente ao nosso redor e de tudo o que o constitui (2006, p. 101) nas experiências, nos processos interativos ecológicos práticos, ou, nas palavras sínteses de Tuan (1974), “a percepção é uma atividade, um estender das mãos para o mundo” e haveria essa fundação heideggeriana entre pensamento e experiência.

No início do século XX, Bergson (2011), em harmonia com as doutrinas filosóficas da percepção, nos advertia sobre as nossas responsabilidades com o entorno, ao assinalar que “os objetos que cercam o meu corpo refletem a ação possível do meu corpo sobre eles” (p. 82), demonstrando assim a mútua influência destas interações, e apontando à necessidade do cuidado proposto como “princípio de responsabilidade” por Hans Jonas (2006, p. 229), como demanda ética para o nosso tempo; por causa disso, vale recordar que uma das hipóteses principais deste trabalho parte do princípio de que o modo como são concebidos os sentidos do meio ambiente determinarão, em grande medida, os modos de interação dos indivíduos, no incontornável e consequencial enlace corpo/mundo, círculo ontológico da vida em geral. Isto contribui para a tentativa de esboçar uma “ecologia da percepção” - aqui, a partir do corpo enquanto conjunto de órgãos da percepção, instrumento perceptível do espírito em sua totalidade.

Em vista de uma relação fundamental do corpo com o ambiente, Santaella (2012, p. 02) assinala que “só os olhos e os ouvidos são órgãos dos sentidos diretamente ligados ao cérebro, ou melhor, são buracos que se conectam diretamente com o cérebro, em oposição aos outros sentidos que são buracos ligados às vísceras, sendo sentidos mais viscerais, portanto.”; para Heráclito a posição perceptiva dos olhos como órgãos dos sentidos é superior aos ouvidos: “os olhos são testemunhas mais fieis do que os ouvidos”. (R. P., 45c.). Assim, poderíamos, com a devida licença, incluir certos órgãos dos sentidos em ao menos dois grupos: o da percepção racional (olhos e depois ouvidos); e o grupo dos órgãos da percepção empírica (tato, olfato, paladar), sendo que a ponte de ligação direta ao mundo é o nosso tato – sentido que, por assim dizer, efetiva em ato as nossas tomadas de decisões interativas, éticas ou não. Para Santaella (2012, p. 6), assim como para Gibson (1986, p. 24-25), é axioma praticamente irrefutável, que nossos órgãos ou nossos sentidos são meios pelos quais se estabelece a ponte entre o que está no mundo lá fora e nosso mundo interior; precisamente esse fundamento constitui a base para uma ecológica do corpo, no que diz respeito à inseparabilidade do corpo do ambiente. Em resumo, essa percepção ecológica - que apresenta decisivamente o próprio corpo, num primeiro plano, como lar num ambiente exterior a efetivar possibilidades de habitar -, começa pela interação cinética, bioquímica, mas não deve esquecer-se das condições afetivas desse corpo

***** Grifo explicativo nosso.

(ambiente do espírito) com seu ambiente exterior; portanto, a percepção ecológica deve ter como pauta de trabalho uma ética que inclua o meio ambiente como próprio referencial ético, transcendendo a tradicional “unilateralidade” da condição humana de habitar muito circunscrita à ética tradicional, antropocêntrica (JONAS, 2006, p.35).

Consequentemente, “estar-com-o-percebido” (MACEDO, 2010, p.16), além de implicar seu contato fundador, implica também em saberes que possibilitam-no; entretanto, convém, sobretudo, compreender os caminhos que esses saberes nos levam (se para nos afastar ou aproximar do mundo vivido). Nesse sentido, é preciso fazer uma volta às coisas mesmas, isto é, experimentar “em ato”, com responsabilidade e sabedoria, o mundo anterior ao conhecimento do mundo como linguagem, porque devemos reconhecer que a experiência, a empiria e suas representações coadunam, ou seja, “o empirismo não se separa das opções teóricas, antes é portador de práticas subjectivas” (MIRA, 2012, p.1); a expressão volta às coisas mesmas pode ser vista como uma chamada para um retorno ao mundo perceptivo que é anterior e uma condição prévia para qualquer conceituação e articulação científica (GALLAGHER, ZAHAVI, 2013, p. 89); nesse percurso de retorno poderemos repensar, por meio de uma “visão ecológica de mundo” esta “científica abstrata, significativa” que na maioria das vezes governam nossas interações práticas com o outro e com o meio ambiente.

6. Discursos e suas Representações

As representações são um conjunto de significados próprios de um grupo de indivíduos - mas que circulam entre grupos, carregando certas ideologias, instituindo embates e estabelecendo consensos; respondem às necessidades imediatas de compreensão dos fatos, lugares, objetos e pessoas nas interações sociais; são definições de mundo reproduzidas no plano do senso comum; convencionalizam a realidade ao nos permitem evocá-la; são explicações não conceituais ou simplificadas que os indivíduos utilizam para entender e explicar a realidade, bem como compartilhá-la.

Por sua vez os discursos - através dos quais as representações são compartilhadas - são as enunciações destas explicações; os discursos carregam aquele conjunto de significados, estabelecem a compreensão dos fatos, lugares, objetos; reproduzem as definições simplificadas de mundo das representações.

Entendemos por discursos enunciações carregadas de sentidos que oferecem-se como representações de mundo; os discursos estabelecem a compreensão dos fatos, lugares, objetos a partir das linguagens socialmente partilhadas, compreendidas e reproduzidas como verdades ideais segundo sua funcionalidade imediata; reproduzem as definições simplificadas de mundo através das representações.

Entre os níveis das interações humano-ecológicas citado na Figura 01, há os discursos e as representações como meios, sobretudo nos níveis de interação entre os seres humanos. Os

discursos são enunciações orais ou escritas cujo intuito é comunicar de modo satisfatoriamente inteligível, e, portanto, lógicas tais representações. Estas representações são palavras-conceitos, ou expressões-conceitos socializadas pelos discursos. Para Benveniste discurso se aproxima de enunciação, isto é, a língua assumida pelo ser humano que fala (1966, p. 266), é, portanto, um ato político; por causa disso, existem diversos aspectos “ideológicos” no que diz respeito à conceituação dos discursos, visto que estes têm a função social de comunicação entre os seres humanos (HALL, 2006, p. 40) e conseqüentemente oferece um conjunto de significados de mundo, as representações. Existe, em todas as instâncias da sociedade, uma grande variedade de discursos, enunciados de diversas formas, mas que muitas vezes não são apreendidas suas finalidades, efeitos, geralmente apenas seus sentidos práticos.

Os discursos são “formas de inteligibilidade historicamente dependente que requer para a sua sustentação continuada um conjunto de entendimento mútuo” (ROSE, 2011 p. 243). Quanto a isso, Orlandi (2007) tem uma afirmação muito sugestiva: a de que “a relação do sujeito com as formas discursivas têm o silêncio como componente essencial” (p. 87): no silenciamento do outro tem-se um caminho discursivo unilateral: é forte a tendência à adoção do discurso majoritário e assim, ao entendimento consensual da realidade; e isso diz respeito à intenção de veracidade dos seus conteúdos, das suas representações; imaginam-se tal relação de “verdade” e “não verdade” no âmbito de uma política discursiva que configura os modos de pensar a ecologia, o étnico, o social, etc., especialmente tendo em vista que o caráter dos sentidos determina, em certo grau, modos “assumidos” de interação; seus resultados apontam para um aspecto muito interessado de poder, de se fazer reproduzir um conjunto específico de verdades.

Por causa disso, dizemos que as condições de produção do discurso estão diretamente relacionadas às instâncias sociais e históricas de poder do sujeito do discurso (locutor) em seu específico ambiente discursivo (a academia, a comunidade étnica, a cidade); as relações de poder e o lugar do sujeito no discurso, em face dos seus interlocutores, determinarão a força desses discursos, num grau de verdade e conseqüentemente em sua aceitabilidade como estatuto de verdade; assim, a partir de tais exemplos, é preciso ponderar às correlações de verdade no âmbito dos discursos ecológicos, sejam acadêmicos, sejam discursos comunitários, e como estes circulam na sociedade como verdades ou inverdades e o que nos dizem socialmente as suas representações.

Naquilo que os discursos evocam, a representação é a ideia e a imagem que se concebe dos fenômenos do mundo cotidiano partilhados entre os indivíduos num regime que demanda ou institui certos consensos; “trata da questão da relação entre a significação, a realidade e sua imagem” (CHARAUDEAU, 2008, p.431), num regime de linguagem que compreende texto e discurso. As representações podem influenciar a percepção, os próprios juízos na tomada de decisão e as práticas cotidianas. Existem na condição de sentidos comunicados com o outro, nessa base de intercâmbio e convergência com os discursos, segundo nos apontou Moscovici, (2003, p. 226). As representações possibilitam-nos assumir um sentido geral para alguma coisa,

na condição de convencionalização dos significados e que num âmbito do social têm efeitos próprios (MOSCOVICI, 2003, p.34); e é nas interações sociais em que o discurso nos aproxima uns dos outros sua teorização. A teoria das representações diz respeito mais às interações cognitivas com o ambiente exterior; são necessárias porque facilitam a compreensão coletiva dos fatos, dos objetos, bem como do ambiente em que os indivíduos compartilham tais representações; estas os ajudam de modo um tanto resumitivo, a constituírem contextos e a compreendê-los; por sua função convencionalista de sentidos de mundo é maior sua susceptibilidade às respostas facilitadoras, compreensões mais racionalistas e redutivas da realidade, bem como da homogeneização de certas visões de mundo, adotadas e operadas pela comunidade humana onde tais representações circulam livremente; estas, por fim, corroboram para a manutenção (política, social, econômica e semiótica) das condições de verdade sobre nós mesmo, sobre o outro e o ambiente, base de nossas relações.

Dito isso, há os discursos e as representações que estes veiculam, como domínios em que circulam, em maior ou menor intensidade, sentidos de mundo em disputas; tais disputas são ratificadas dentro da própria comunidade. Portanto, cada vez mais as étnicas contemporâneas, sobretudo no alto-sertão das Alagoas, tornaram-se “lugares abertos” onde circulam distintas categorias de discursos e representações extraculturais (sobretudo o pensamento dos quilombos a partir de uma perspectiva de grupos étnicos culturalmente singulares e “tradicionalmente fechados”); se atualmente os indivíduos não pensam “comunidade tradicional” como lugar dialógico onde ocorrem amálgamas entre o moderno e o tradicional, o étnico e o global, o rural e o urbano não entenderemos o alcance desses discursos e representações. Com efeito, os sentidos do lugar quilombola entram em disputas constantemente, em menor ou maior intensidade, nos níveis sociais, políticos e econômicos, bem como identitários e existenciais, sobretudo quando grupos de pessoas contrapontuam suas noções de étnico e de tradição com outras formas de discursos em seus correspondentes benefícios no âmbito do pragmático, isto é, pela comprovação da qualidade de vida em conformidade com um estilo majoritário de bem-estar, quando estes discursos afirmam este estilo como ideal.

Os Modos de interação produtivos (vistos no capítulo 03) - desde a pesca artesanal até os serviços públicos burocráticos -, corresponderiam ao desejo, às possibilidades e às condições de estilos de vida ideais constituídos no encontro com discursos e representações diversos. Na contemporaneidade não é simples refletir acerca destas questões no âmbito das étnicas devido à extrema complexidade humana, ecológica, social e política implicada aí, sobretudo a econômica§§§§§§, mesmo em face de temáticas e conceitos tais com globalização, pós-modernidade, homogeneização cultural, heterotopia, identidade.

§§§§§§ Antecipamos que no itinerário de pesquisa, nas comunidades quilombolas estudadas aqui, detectamos um crescente delineamento que indica fortemente o condicionamento dos sentidos positivos do lugar dessas comunidades a diversos aspectos econômicos, tais como emprego e benefícios do governo (cesta básica, leite, verbas específicas aos estímulos do resgate das tradições, bem como projetos diversos).

7. Conclusões

As interações entre seres humanos e o meio ambiente são de difícil definição por causa das matizes extremamente amplas das experiências com e no meio ambiente. São, em resumo, possibilidades empíricas, linguísticas, históricas, existenciais, políticas e ecológicas/econômicas de interagir com o outro e com o meio ambiente. Certamente a tentativa de confluir tais possibilidades para o âmbito da tríade experiência, percepção e discurso apresenta um aspecto negativo (uma visão resumida de mundo destas interações), todavia uma orientação positiva desse universo por vezes contingencial (em três dimensões de vida: a lida experiência, percepção e discurso) que pode contribuir para sua estruturação lógica em pesquisas posteriores.

Referências

- BEGON, M.; HARPER, J. & TOWNSEND, C. **Ecologia - de Indivíduos a Ecossistemas** - 4ª edição. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2007.
- BERGSON, H. **Memória e Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 82.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 1**. Coordenação da tradução Ana Lúcia de Oliveira. 2. ed. Editora 34, São Paulo, 2011.
- GEERTZ, C. **A Interpretação da Cultura**. Reimpressão da 1. ed. Editora LTC, Rio de Janeiro: 2011.
- GINZBURG, Carlos. **Olhos de Madeira – Nove reflexões sobre a distância**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia Das Letras, 2001
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido**. Petrópolis: Vozes. 1975.
- HALL, Stuart, **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. São Paulo, DP&A: 2006.
- JURACY, Marques. **Ecologia da Alma**. Petrolina, PE, Franciscana, 2012.
- KORMONDY, Edward J. & BROWN, Daniel. E. **Ecologia Humana**. Tradução de Mar Blum. São Paulo: Ed. Atheneu, 2002.
- LYOTARD, Jean-Francois. **A Condição Pós-Moderna**. 10. ed. José Olympio Editora, Rio de Janeiro: 2008.
- MACEDO, R. **Etnopesquisa Crítica, Etnopesquisa-Formação**. 2. ed. LiberLivro, Brasília: 2010.
- MIRA, Feliciano de. **Anotações da Aula de Epistemologia Ambiental**. Paulo Afonso: UNEB/PPGEcoH/NECTAS, 2014a.
- _____. **As Cores da Economia e o Desenvolvimento Sustentável**. In: Juracy Marques (org.). *Ecologias Humanas*. Feira de Santana-BA: UEFS, 2014b.
- _____. **Anotações sobre o Método de Pesquisa (Manuscrito)**. Portugal, 2011.
- MORAN, E. **Adaptabilidade Humana**. São Paulo: Edusp, 2010.
- _____. **Meio Ambiente e Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Senac, 2011
- _____. **Nós e a Natureza – Uma introdução às relações homem-ambiente**. São Paulo: Senac, 2008.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**. 4. ed., Petrópolis:Vozes, 2003.
- PIERSON, Donald. **Estudos de ecologia humana**. *Estudos de Ecologia Humana*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1948.
- POLANYI, Karl. **A Grande Transformação**. 2.ed. Rio de Janeiro: Campos, 2012.
- SAFRANSKI, Rüdiger. **Heidegger**. São Paulo: Geração Editorial, 2005.
- SANTAELLA, Lúcia. **Percepção: fenomenologia, ecologia, semiótica**. São Paulo: *Cengage Learning*, 2012.
- TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade**. 9. ed. Editora Vozes, Petrópolis: 2009.